



## O etno-romance de André e Simone Schwarz-Bart

André and Simone Schwarz-Bart's Ethno-Romance

Filipe Amaral Rocha de Menezes\*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil

filipearm@gmail.com

Kathleen Gyssels\*\*

Universidade da Antuérpia (UA) | Antuérpia, Bélgica

kathleen.gyssels@uantwerpen.be

**Resumo:** Em seus arquivos e por meio de testemunhos de sua esposa, André Schwarz-Bart apresentava um forte interesse na pesquisa antropológica, o que pode ser aferido, na sua obra, durante suas estadas na Guiana e no Senegal ou mesmo em Guadalupe, no Caribe. A base antropológica dos romances de André e Simone Schwarz-Bart serão analisados neste artigo, com ênfase nas referências caribenhas e asquenazis, avaliando a importante contribuição destas nas pesquisas de antropologia. Usando exemplos de *Le Dernier des Juste*, *L'Étoile du matin*, *Pluie et vent sur Télumée Miracle*, será demonstrada a busca universal no campo antropológico sobre essas comunidades em uma “zona de contato”: rituais de iniciação, cerimônias de nascimento e funeral, a busca espiritual, o fenômeno do transe e religiões alter/nativas.

**Palavras-chave:** Mestiçagem. Literatura Caribenha. Literatura Judaica. André Schwarz-Bart. Simone Schwarz-Bart.

**Abstract:** In his archives and through testimonies of his wife, André Schwarz-Bart showed a strong interest in anthropological research, which can be measured in his work during his stays in Guyana and Senegal or even in Guadeloupe, the Caribbean. The anthropological basis of André and Simone Schwarz-Bart's novels will be analyzed in this article, with emphasis on Caribbean and Ashkenazi references, assessing their important contribution to anthropological research. Using examples from *Le Dernier des Juste*, *L'Étoile du matin*, *Pluie et vent sur Télumée Miracle*, the universal anthropological search for these communities in a “contact zone” will be demonstrated: initiation

---

\* Doutorando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.

\*\* Professora Titular de Literatura na Universidade de Antuérpia.



rituals, birth ceremonies and funerals, the spiritual quest, the trance phenomenon and alter/native religions.

**Keywords:** Cultural Crossbreeding. Caribbean Literature. Jewish Literature. André Schwarz-Bart. Simone Schwarz-Bart.

*“O negro não é uma estátua de sal que dissolve na chuva.”*

*Pluie et vent sur Télumée Miracle*

Simone Schwarz-Bart<sup>1</sup>

Em uma rara entrevista sobre a importância dos sonhos em seus romances, Simone Schwarz-Bart confia a Isabelle Constant:

Nossas crenças são apropriadas para o nosso mundo. Há tantos universos no mundo, de uma aldeia para outra, na África, você vai para Casamansa [...] você vai para a Mauritânia, é o caso contrário (sic), mesmo de uma família para outro. E as pessoas valorizam suas crenças todas as vezes.<sup>2</sup>

Nessa declaração, surpreende o duplo interesse da romancista e de seu marido, com quem viveu no sul do Senegal entre os Diola e viajou pela África subsaariana. Inicialmente, destaque-se a singularidade de mitos e dos sonhos de diferentes comunidades tribais, a importância das crenças, uma área que flerta com fé (religião) e superstição. Na palavra “superstição”, a partir de Jacques Derrida,<sup>3</sup> o sobrevivente conecta o presente ao passado, o visível ao invisível.

No luto de um mundo desaparecido, os autores entram em uma escrita no qual a centralidade do sonho, assim como o contato com o além, é inegável. Um

---

<sup>1</sup> Este artigo foi originalmente escrito em francês. Como as obras literárias foram consultadas nos originais, optou-se por manter a língua francesa nas citações maiores em destaque. Nas pequenas citações, optou-se pela tradução, feita pelos autores do artigo, privilegiando a legibilidade do texto. Ressalta-se as obras de André e Simone Schwarz-Bart que foram já traduzidas para o português: *O último dos Justos*. Trad. Maria Lucia Autran Dourado. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988. (*Le Dernier des Justes*); *A ilha da chuva e do vento*. São Paulo: Marco Zero, 1986. (*Pluie et vent sur Télumée Miracle*); *Joãozinho no Além*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. (*Ti Jean l'Horizon*).

<sup>2</sup> CONSTANT, 2008, p. 164.

<sup>3</sup> DERRIDA, 1992, p. 331-332.



sistema onírico acrescenta uma interpretação mágico-religiosa da realidade de seus personagens, de modo que a reversibilidade é ilustrada, de novo, no mundo asquenazita como no seu contratempo, o universo da habitação.<sup>4</sup> Como já observado por Roger e Heliane Toumson, em entrevista com o casal Schwarz-Bart, por ocasião do lançamento de *Pluie et vent sur Télumée Miracle*,<sup>5</sup> é evidente o afã “enciclopédico” do primeiro romance de Simone Schwarz-Bart, insistindo na ligação entre o *telos* (o objetivo que se ligam os seres humanos e animais em vida) e o “teleológico” e da luta contra as forças telúricas que Télumée conduzirá (assim como os outros personagens do romance): “três campos do pensamento e da atividade humana são abraçados: o religioso, político e econômico”.<sup>6</sup>

Na obra literária dos Schwarz Bart, denota-se o interesse em investigar os sistemas de crenças de comunidades negras e judaicas dispersas, para questionar a função dos sonhos (premonitórios e pesadelos) e de considerar o real, axiológico, segundo um paradigma semidivino, semi-animista.<sup>7</sup> Assim, a autora desmistifica tanto o tema do monoteísmo judeu quanto o politeísmo africano; mostra como o ser humano, especialmente na condição de colonizado e oprimido, comunica-se com seus mortos, e como a coabitação com os mortos é realizada; como os rituais supostamente superam as ameaças ocultas ou patentes; como a comunidade trabalha para escolher aquele que teria resistido “às chuvas e aos ventos”, como Télumée Miracle, para manter o seu legado, suas heranças.

Alguns pesquisadores de origem judaica se interessaram pela disciplina antropológica como Emile Durkheim e Marcel Mauss, bem como Tobie Nathan,<sup>8</sup> que trabalha a noção de etno-romance a partir de suas próprias incursões no campo, assim como outros que se dedicaram ao mundo colonial: Bronisław Malinowski, Alfred Métraux, Melville Jean Herskovits: destacam-se os estudos dos atos religiosos, das estruturas familiares, dos ritos e costumes, do folclore negro. Deve-se ressaltar a abordagem de outro teórico da relação entre judaísmo e negritude, o tunisiano Albert Memmi,<sup>9</sup> e, assim como ele, André Schwarz-Bart identifica-se com os oprimidos, independentemente de sua cor, religião, afiliação nacional ou linguística. Essa mesma busca por constantes

---

<sup>4</sup> GYSSELS, 2014.

<sup>5</sup> SCHWARZ-BART, Simone, 1972.

<sup>6</sup> TOUMSON & TOUMSON, 1979, p. 29.

<sup>7</sup> GYSSELS, 1996.

<sup>8</sup> NATHAN, 2014.

<sup>9</sup> MEMMI, 1957.



universais e mecanismos comuns a uma condição oprimida foi contemplada por André Schwarz-Bart em seu segundo romance *La Mulâtresse Solitude*:<sup>10</sup> destacam-no a enorme documentação reunida pelo autor e depois fundida em um romance histórico mais compacto que *O último dos Justos*.<sup>11</sup>

## 1 Leitura mágico-religiosa do real: sonho premonitório, dom visionário

Em *L'Étoile du matin*, de sua cama de hospital em Mainz, alucinando com febre, Haïm Lebke vê as outras camas varridas por um redemoinho gigantesco, um espetáculo surpreendente que ele é o único a ver.<sup>12</sup> O menino está tomando conhecimento de seus dons visionários, ou ao menos tem uma vaga intuição do que está acontecendo ao seu redor e de sua família. O que é um dom premonitório para os membros de sua família seria, na verdade, uma leitura justa do clima antisemita e, portanto, de todo o vício e ódio encerrado em torno deles. Em Podhoretz, ele entende seu futuro quando observa o mergulho mortal de um pássaro o qual meninos poloneses perfuraram os olhos. Seu destino parece tedioso, observando como “camaradas poloneses” olham para o gaio da Volínia:<sup>13</sup> estaria sonhando? Não, este é um incidente que ele interpreta de uma maneira mágico-realista:

Puis [l'oiseau] s'était immobilisé, incertain, et il avait tracé des cercles en tous sens, entrecoupés d'envolées rectilignes qui le projetaient tantôt vers le haut, tantôt vers le bas, ne sachant plus s'il montait ou descendait, [...] avant de plonger dans une mare [...] comme un caillou.

Une angoisse inexprimable avait étreint l'enfant Haïm qui avait remis la flûte dans sa poche. Ce n'était pas seulement la vue de l'oiseau perdu en plein ciel.

Pour la première fois de sa vie, il s'était senti entièrement perdu sur la terre, comme l'oiseau en plein ciel et l'espace d'un instant, il ne savait pourquoi, il avait imaginé la communauté

---

<sup>10</sup> SCHWARZ-BART, André, 1972.

<sup>11</sup> SCHWARZ-BART, André, 1959. No Brasil: SCHWARZ-BART, André, 1988.

<sup>12</sup> SCHWARZ-BART, André, 2009.

<sup>13</sup> O gaio ou gaio-comum é pássaro muito comum na Europa, Ásia e Norte da África. Província da Galícia Oriental, Volínia é a terra de Chaim Nachman Bialik, o poeta que revelou ao mundo o horror de pogroms em Kitchinev (1903) e Odessa (1905). Com Podólia (onde se encontra a cidade Podhoretz de *L'Étoile du matin*), Volínia formou um principado ucraniano, sitiada por tártaros, otomanos, cossacos e soviéticos.



entière de Podhoretz enfoncée dans la nuit, sans nul point de repère.<sup>14</sup>

Essa mesma passagem é identificável, como num espelhamento, no aprendizado da “última Lougandor”: Telumée subitamente entende, ouvindo os contos da *quimboiseuse* Man Cia e de Reine-sans-Nom, que ela descende de escravos, e a imagem de galinhas em gaiolas, o recrudescer da vergonha: abriga-se no mato e tem essa impressão dolorosa de querer e poder desaparecer do mundo.<sup>15</sup> Desse modo:

Pour la première fois de ma vie, je sentais que l’esclavage n’était pas un pays étranger, une région lointaine d’où venaient certaines personnes très anciennes, [...]. Et je songeai aux rires de certains hommes, de certaines femmes, leurs petites quintes de toux résonnaient en moi, cependant qu’une musique déchirante s’élevait dans ma poitrine.<sup>16</sup>

O pássaro cego e mutilado voa em espiral. Ao mesmo tempo, nos romances antilhanos, as “aves de rapina” ou as “perdizes” traduzem a mesma inevitável armadilha de um destino injusto que persiste contra elas.<sup>17</sup> O narrador sofre da síndrome do sobrevivente, a tal ponto que fica reduzido a afasia, desde que saiba que é o único sobrevivente de uma casa. Ele interpreta esse incidente incomum como um aviso. Mais tarde, resgatado do poço, ele sabe que escorregou “pelo olho da agulha”: o sobrevivente quer acreditar no lado milagroso de sua vida. A mesma apreensão de ser miraculosamente capturado por Télumée e Ti Jean, este ouvindo o N'goka em particular.<sup>18</sup> No universo da *Plantation*, o mesmo papel subliminar é reservado para o tambor, o que ajuda a “considerar sua posição negra [na terra] de outro olhar”.<sup>19</sup> O final da história da infância mostra os protagonistas presos a sonhos premonitórios fatais. Desde a puberdade, tanto Ernie Lévy, de *O último dos Justos*, quanto Télumée apreendem o futuro de sua “tribo”.

---

<sup>14</sup> SCHWARZ-BART, 2009, p. 81.

<sup>15</sup> Quimboiseur (masc.) ou Quimboiseuse (fem.): feiticeiro que pode, conforme sua vontade, destruir ou trazer sorte a alguém. É também curandeiro que sabe revelar qual espírito desencarnado causa a doença, conhece os sacrifícios, amuletos e rituais para anular possíveis feitiços. (GYSSSELS, 1996, p. 404)

<sup>16</sup> SCHWARZ-BART, 1972, p. 62.

<sup>17</sup> SCHWARZ-BART, 1972, p. 41; SCHWARZ-BART, 1959, p. 148.

<sup>18</sup> SCHWARZ-BART, 1979.

<sup>19</sup> SCHWARZ-BART, 1972, p. 215.



## 2 O estupro: “Da polinização à crioulização e vice-versa”

Um segundo fio entre o universo antilhano e o mundo asquenazita é a violência sexual contra as mulheres de ambos os grupos – ação destruidora que pede o mesmo ritual de adoção reparadora. Nunca houve uma guerra colonial ou conquista territorial sem o estupro massivo e frequente de mulheres.

Durante o tráfico negreiro transatlântico, André Schwarz-Bart lembra que havia o costume de “Pariade”, ou seja, o estupro coletivo praticado pelos traficantes de escravos.<sup>20</sup> De forma semelhante, seja sob o Império Otomano ou nos pogroms realizados pelos cossacos sob a mercê do czar, as mulheres judias também foram violadas. Desde o início dos tempos, a “crioulização” de culturas e de identidades tem sido acompanhada de extrema violência. Os “contatos entre culturas e civilizações”<sup>21</sup> foram realizados, como lembra Tzvetan Todorov, no conflito violento com os “bárbaros”.<sup>22</sup> Em *O último dos Justos*, a honra manchada das judias esturpadas, desonradas pelos mongóis, cossacos, turcos, russos, gera descendentes bastardos, que os homens compassivos elevarão como seu próprio “sangue”.

O mesmo tema é recorrente nos romances antilhanos: Télumée é adotada, Marie-Ange acabará aceitando o fruto de sua barriga.<sup>23</sup> Sob a terrível imagem de um aborto, esconde-se a atrocidade abominável de judias grávidas a quem os torturadores abrem a barriga para matar a criança e a mãe em *L'Étoile du matin*, e Ti Jean ainda não sabe quem é seu pai e será criado sozinho por sua mãe que o chama de “pequeno Egeu”.

O ritual reparador da impureza ressurge no *L'Étoile du matin*: os homens que se casam com a mãe de uma criança assim concebida são “santos”, “iluminados”.<sup>24</sup> Haïm releva a infelicidade usando uma máscara “de uma rigidez assustadora” e que será purificada graças ao seu amor.<sup>25</sup> Portanto, há a separação entre “etnia pura” e “impura” para a comunidade judaica, contradizendo a obsessão com o não-misturado:

Et puis l'on se tourna vers les femmes et les filles, dont Rachel, qui demeurèrent plusieurs semaines en attente, craignant que la

---

<sup>20</sup> SCHWARZ-BART, 1972, p. 46.

<sup>21</sup> LEIRIS, 1955.

<sup>22</sup> TODOROV, 2008.

<sup>23</sup> SCHWARZ-BART, 1972, p. 89.

<sup>24</sup> SCHWARZ-BART, 2009, p. 101.

<sup>25</sup> SCHWARZ-BART, 2009, p. 102-103



souillure en elles n'ait fructifié. Toutes voulaient se suicider.  
Une seule y parvint.<sup>26</sup>

Um terceiro ponto de encontro entre os dois mundos é a escravidão sexual das negras e das judias, dessa ofensa que terá ser exorcizada pela adoção. Quer se trate das judias “prometidas para o prazer do turco” sob o Império Otomano, ou as escravas domésticas do mundo colonial e da *Plantation*: seriam sobre a mistura de grupos humanos, dando origem a misturas fisionômicas, para uma “tribo planetária”, a “miscigenação universal”.<sup>27</sup> O sincretismo cultural e as “novas” fisionomias delas resultantes seriam um argumento irrefreável para a miscigenação e o desmantelamento de um mito, o judeu “branco”.

Em *L'Étoile du matin*, o narrador empresta a voz ao etnólogo que observa como o Polin se tornou “Eretz Israel”, refúgio para os judeus vindos dos quatro cantos do globo, e formado, a partir do Século XII, uma cultura interpenetrada de culturas circunvizinhas. Para Baumgarten, a sociedade judaica asquenazita tomou emprestado elementos das culturas germânica, eslava e italiana, dependendo da localização geográfica.<sup>28</sup> Portanto, seriam as orações, rituais, práticas, bem como a separação entre linguagem erudita, reservada para homens, os iniciados, e literatura e linguagem secular, reservada para mulheres, como observados em *O último dos Justos*.

A questão do gênero é colocada desde o primeiro romance e os autores defendem a interseccionalidade, como será estudada por Kimberlé Crenshaw.<sup>29</sup> A porosidade entre o topo e o fundo é evidente no universo hassídico.<sup>30</sup> O mundo hassídico é, portanto, próximo ou análogo ao mundo do *Plantation*, como descrito em *O último dos Justos*. Em suma, uma colônia judaica formada por várias camadas de imigração se instala nesse país hospitaleiro, pelo menos por um tempo:

Les premiers immigrants juifs arrivèrent à Podhoretz vers la fin du XIII<sup>e</sup> siècle [...] Ils s'étaient battus contre Rome et venaient de l'Est, des bords de la mer Noire [...] Après eux, ce fut la première vague de juifs allemands qui se rendait à l'invitation du roi Boleslav V, [...]. Puis vinrent les juifs espagnols [...] les juifs des steppes, les uns à face mongole, originaires du pieux royaume khazar, et les autres qui venaient

---

<sup>26</sup> SCHWARZ-BART, 2009, p. 101.

<sup>27</sup> SCHWARZ-BART, 1959, p. 19; SCHWARZ-BART, 2009, p. 217.

<sup>28</sup> BAUMGARTEN, 2001.

<sup>29</sup> COUTI, Jacqueline; GYSSELS, Kathleen, 2019. GYSSELS, 2014, p. 185-207.

<sup>30</sup> BAUMGARTEN, 2006; BAUMGARTEN, 2001; TARICA, 2010.



de très loin dans l'espace et le temps, d'une Babylone de légende [...] Les types humains eux aussi s'étaient mêlés, enchevêtrés mais sans tout à fait se confondre. Et l'on voyait dans une même famille des visages d'Orient et des visages d'Occident et jusqu'aux cheveux blonds et aux yeux bleus de Cosaques [...] il y avait même [...] de larges bouches plates et des cheveux crépus, souvenirs très anciens de l'esclavage en Egypte, berceau du peuple juif.<sup>31</sup>

Pode-se falar, diante do corpus *schwarz-bartiano*, de polinização (ou de *polonização*),<sup>32</sup> da mesma forma como se fala de *crioulização* para as Antilhas. Em todo o mundo, a partir da África e sua diáspora, e também no Oriente Médio, a mistura de grupos humanos ocorreu em meio a conquistas, guerras e conflitos tribais. Em *Logiques métisses*, Jean-Loup Amselle desmantela, com uma série de argumentos, a ideia de que a África era racialmente “pura”.<sup>33</sup> O puro/impuro é, pois, um *leitmotif* que os escritores *schwarz-bartianos* desconstroem, por meio dessas aproximações entre esses dois mundos, aparentemente tão distantes, mas com traços comuns.

### 3 A pulsão suicida: o tabu do suicídio, do pecado e da transgressão narrativa

Após essa extrema humilhação, a espoliação de seus corpos e de seus seres, resulta em impulsos mórbidos e até mesmo suicidas. Seja a jovem africana que, durante a travessia do Atlântico, tenta engolir a língua para sufocar-se no barco, ou a criança inocente que não vê mais um futuro, como em *O último dos Justos*, o suicídio é um tabu proibido nos dois mundos. Frantz Fanon declarou em *Peau noire, masques blancs* que os negros não cometeram suicídio, mesmo tendo sido contradito por muitos estudos.<sup>34</sup> Pode-se citar ainda Emile Durkheim que afirma que os judeus teriam se suicidado, mesmo sendo um pecado, em circunstâncias insuportáveis como antes, durante e depois do Holocausto.<sup>35</sup> Ao final da “história de infância” de Ernie Lévy, o narrador relembra tristemente a enorme intensificação do suicídio sob o Nacional-Socialismo:

Dès l'année 1943, c'est par dizaines et dizaines que les petits écoliers juifs d'Allemagne se portèrent candidats au suicide ; et par dizaines qu'ils y furent admis. [...] Il est admirable que dans les temps où ils enseignaient le meurtre aux écoliers

---

<sup>31</sup> SCHWARZ-BART, 2009, p. 28-30.

<sup>32</sup> GYSSELS, 2014.

<sup>33</sup> AMSELLE, 1990.

<sup>34</sup> FANON, 1952.

<sup>35</sup> FANON, 1952, p. 177





aryens, les instituteurs enseignaient aux enfants juifs le suicide [...].<sup>36</sup>

Além dessas ocorrências funestas, o suicídio tem um lugar significativo nos romances *schwarz-bartianos* subsequentes, embora seja uma transgressão narrativa o detalhar sobre o que acontece durante esse processo um tanto deliciado, mesmo que fracassado. Ernie Lévy tenta o seu próprio fim, após deixar de ser amado por uma ariana de “sangue puro”, Ilse Bruckner. Os rituais que deveriam afastar o azar não davam em nada. Ritos secretos e ações votivas não estão ausentes da vida do sujeito apaixonado, a qualquer cultura a que pertence. Cartomancia e jogos, enigmas e consultas fazem parte da busca pela felicidade.<sup>37</sup> Além disso, a cena é descrita como o ritual do animal sacrificado que lentamente se deixar escorrer o fluido vital no chão. O motivo da autodestruição pode ser a paixão, como mostrou Barthes.<sup>38</sup>

Após seu suicídio frustrado, descrito nos mínimos detalhes, incapaz de fazer um laço da corda, ele se dedica ao destino e ao bem-estar de seu “clã”, sua família.<sup>39</sup> Aquele que sucumbir à depressão, mas conseguir ultrapassá-la, será metamorfoseado, e isso é tomado literalmente por Man Cia, que ela “não deve julgar”, como instruiu a Reine-sans-Nom: “morfoisée/morphrasée”<sup>40</sup> é uma imagem do bestiário *schwarz-bartiano* como a que encontramos na pintura de Marc Chagall, que também evoca a figura do *Luftmensch*, de *O último dos Justos*.<sup>41</sup>

De forma semelhante, o pós-suicídio é evocado pela família que quer transcender sua crise religiosa ocorrida com tal incidente. Mergulhado num luto interminável pelos desaparecidos, o patriarca procura explicar pela vontade divina esses “acidentes”, tornando-se numa verdadeira filosofia de vida, caracterizada pela inevitabilidade e pela interpretação de acidentes e resultados felizes pela intervenção divina.

Em *O último dos Justos*, a cena seria patética se não houvesse o exame de consciência desse menino que queria desaparecer sem incomodar ninguém, sem

---

<sup>36</sup> SCHWARZ-BART, 2009, p. 257.

<sup>37</sup> BARTHES, 1977, p. 259-260.

<sup>38</sup> BARTHES, 1977, p. 260.

<sup>39</sup> SCHWARZ-BART, 2009, p. 227

<sup>40</sup> Morphasé (morfoisé): é o estado de possessão por um espírito de um morto, e que abandona a forma humana, como o espírito *Dorliss* da cultura de Guadeloupe; pessoa que detém o poder de ser transformar, de se liberar de seu invólucro carnal. GYSSELS, 1996, p. 400, 404.

<sup>41</sup> GYSSELS, 1996, p. 250.



deixar vestígios. Sua fuga da morte é interpretada como uma prova da bondade divina pelo venerável clã de Levy. Sobrevivente, o pequeno, ferido e sangrando perto da parede na parte inferior da casa, é surpreendido pelo patriarca que agradece a bondade divina:

Mais pense tout de même, intervint Mardochée, pense quel miracle : car *si* je n'avais pas été retenu par la fièvre, je n'aurais pas entendu le bruit de sa chute ; et *si* Dieu ne lui avait inspiré l'idée de se jeter par la fenêtre, il aurait perdu tout son sang. De même, *si* l'hôpital de Stillenstadt l'avait accepté quoique juif, il n'aurait pu y être soigné moitié aussi bien qu'à Mayence. Et enfin, si...<sup>42</sup>

Esse acúmulo de condicionalidades sugere o quanto o judeu continua a pensar em seu infeliz destino como vontade de Deus, e também o quanto o paradigma religioso acaba por ser ineficaz. Daí a ausência de catarse: a oração ou a prática secular, no último caso, por escrito, não consola, muito menos compreende. Os narradores schwarz-bartianos analisam sua depressão e diagnosticam seu desconforto. Assim como em *Un homme qui dort*, de Georges Perec, Mariotte, prima do narrador, registra clinicamente seu gradual adormecimento:<sup>43</sup>

Maintenant tu n'as plus de refuges. Tu as peur, tu attends que tout s'arrête, la pluie, les heures, le flot des voitures, la vie, les hommes, le monde, que tout s'écroule, les murailles, les tours, les planchers et les plafonds ; que les hommes et les femmes, les vieillards et les enfants, les chiens, les chevaux, les oiseaux, un à un, tombent à terre, paralysés, pestiférés, épileptiques [...].<sup>44</sup>

Esse mesmo apocalipse catapulta Ernie Levy para uma espiral autodestrutiva, assim como também Mariotte, cansada da vida nesse fosso, fica angustiada e isolada. Aquele que morre de morte não natural, mas acidental, é chamado de "Malemort" nas Antilhas e a comunidade deve exorcizá-lo, novamente, por rituais funerários.

#### **4 Escolha do *tzaddik/quimboiseuse*: consultas mágicas, rituais expiatórios: o banho iniciático**

Em *Pluie et vent sur Télumée Miracle*, a bruxa Man Cia que pergunta a Reine-sans-Nom que sonhos ela tem e como os interpreta logo em seguida. É também esta estranha mulher que será escolhida curandeira, e passará seu dom a

---

<sup>42</sup> SCHWARZ-BART, 2009, p. 241.

<sup>43</sup> GYSSELS, 2014, p. 217-223.

<sup>44</sup> PEREC, 1967, p. 131.



Télumée: para “levar [a vida] às profundezas” e “retornar [a vida] à terra”, e é preciso transparência e confiança mútua. Amboise e Télumée acabam por se confessarem o que muitas vezes esconderam de si próprias: a separação da identidade, o seu “sofrimento intolerável, o seu constante rasgar”.<sup>45</sup> Embora ela afirma não ter a clarividência ou o poder de curar, Télumée se vê escolhida como curandeira, de alguma forma ecoando a Ernie Lévy que combinou “vida conjugal do paciente, seu trabalho, seus filhos, sua vaca, sua galinha”.<sup>46</sup> A última Lougandor irá curar feridas e ela vestirá as chagas visíveis e invisíveis:

Mes yeux étaient deux miroirs dépolis et qui ne reflétaient plus rien. Mais lorsqu'on m'amena des vaches écumantes, le garrot gonflé de croûtes noires, je fis les gestes que m'avait enseigné Man Cia et l'une d'abord, puis l'autre, les bêtes reprirent goût à la vie. Le bruit courut que je savais faire et défaire, que je détenais les secrets et sur un énorme gaspillage de salive, on me hissa malgré moi au rang de dormeuse, de sorcière de première.<sup>47</sup>

No universo piedoso do chassidismo, o *tsaddik* (justo) é um milagreiro, curandeiro e vidente. Segundo Jean Baumgarten, o *tsaddik*, asquenazita e hassídico, é aquele que alivia o sofrimento, que cura e que pode ser um simples mendigo ou um aleijado.<sup>48</sup> Assim, tendo a orelha arrancada pelos violentos poloneses, em uma cena quase bíblica, com seu rosto cheio de cicatrizes, um dos justos é elevado ao posto de intérprete e curador.<sup>49</sup>

Em ambos os cenários, o antilhano e o asquenazi, homens “incompletos”, mutilados fisicamente por seus perseguidores selvagens e sádicos, ou psiquicamente afetados em sua totalidade, acabam se tornando aqueles que aliviarão o sofrimento de seus pares. Em *L'Étoile du matin*, o mendigo é considerado um profeta: um brilho luminoso apareceu ao redor do mendigo que saiu, perdeu-se durante a noite, e todos entenderam que era Elias.<sup>50</sup>

---

<sup>45</sup> SCHWARZ-BART, 1972, p. 217.

<sup>46</sup> SCHWARZ-BART, 1959, p. 30.

<sup>47</sup> SCHWARZ-BART, 1972, p. 226.

<sup>48</sup> BAUMGARTEN, 2001.

<sup>49</sup> SCHWARZ-BART, 1959, p. 26.

<sup>50</sup> SCHWARZ-BART, 2009, p. 40.



## 5 Ritos fúnebres: vigília e luto, tabus e vodu<sup>51</sup>

Em *Pluie et vent sur Télumée Miracle*, Reine-sans-Nom morre e o bairro de Fond-Zombi tem um velório que estranhamente dura nove dias. Essa é exatamente a duração respeitada no universo hassídico. No romance antilhano, medimos essas incursões e extrapolações de natureza mágico-religiosa, como que André tomasse a caneta de Simone. Não há dificuldade para André Schwarz-Bart para operar essa inversão de perspectiva, e esse mesmo olhar etnógrafo é projetado sobre os Diola (a pequena Diola sonha com a invasão da aldeia pelos “fantasmas brancos”, ela entende como foi o assalto dos traficantes negreiros).

O princípio da reencarnação, semelhantemente, confere uma porosidade entre os seres vivos e os seres falecidos, bem como os ritos de passagem ou iniciação na idade adulta e no casamento. Enquanto em *Pluie et vent sur Télumée Miracle*, o contato com os mortos é por meio dos sonhos, em *O último dos Justos*, é por meio das orações, invocações, do Kaddish: “- E como é que vai? Seriamente pergunta Man Cia. - Ele não se esqueceu de mim, disse a avó feliz, - ele vem me ver todas as noites, sem falta.”<sup>52</sup> Por fim, não se pode deixar de lado, o romance de Simone Schwarz-Bart, *Ti Jean L’Horizon*, o qual é marcado pela presença dos sonhos, mas com certo olhar antropológico, e que estes se prestam a fascinante pluralidade interpretativa.<sup>53</sup>

## Conclusão: uma busca mística, uma busca mítica

Embora o escritor se defenda negando que seus personagens são sejam seus duplos, ele, por um lado, se descortina por meio de Haïm Schuster, e, por outro lado, testemunhou sua “vontade insolente” em não desejar ter filhos e ao sentir-se rejeitado pelo curso da história.<sup>54</sup> Um leitor bulímico, na encruzilhada das culturas e das disciplinas, André Schwarz-Bart contava com Abraham (ou Abrasza) Zemsz entre seus amigos. Antropólogo amador, homem autodidata que compartilhava com ele o interesse em extravagâncias estrangeiras e longínquas, mas distante de exotismo, discípulo de Claude Lévi-Strauss, amigo de Daniel Coppet, e colega de trabalho de George Balandier, precursor da identidade líquida de Zygmunt Bauman, cruzamento de culturas, mistura de

---

<sup>51</sup> Os bestiários são semelhantes: o galo e as aves domésticas, as cabras e as ovelhas são animais de sacrifício em ambas as religiões, seja o vodu (politeísta) ou o universo chassídico (monoteísta). PLUCHON, 1984; PLUCHON, 1987.

<sup>52</sup> SCHWARZ-BART, 1972, p. 60

<sup>53</sup> SCHWARZ-BART, 1979.

<sup>54</sup> SCHWARZ-BART, 2009, p. 204, 230



línguas: “uma aniquilação da falsa universalidade, do monolinguismo e da pureza”.<sup>55</sup>

André Schwarz-Bart teve seu contato com Abrasza Zemsz e Richard e Elise Marienstras em Paris antes da publicação de *O último dos Justos*. Este amigo especial, intelectual “sem-teto”, que sonhava em realizar missões antropológicas, não conseguiu fazê-las por causa da saúde arruinada por anos de guerra e da vida pobre que levava na Paris do pós-guerra. Com ele, assim como com outros judeus poloneses domiciliados na cidade, Schwarz-Bart debateu seu o manuscrito final de *O último dos justos*. Em *Être un peuple en diaspora*, Richard Marienstras atesta ter conhecido o best-seller de Schwarz-Bart em suas versões anteriores, ligeiramente diferentes.<sup>56</sup> Em entrevistas com Elise Marienstras e Elisabeth Brami, amigas de Abrasza Zemsz, é inegável que sua contribuição pelo que seria a “medula espinhal”, ou melhor, “o miolo e a substância” do romance: o *lamed-vav*.<sup>57</sup>

André Schwarz-Bart teria se beneficiado bastante das muitas contribuições de seus “pupilos”, em encontros na residência do pintor Emanuel (Tolek) Proweller.<sup>58</sup> Contra o “assombro do esquecimento”, os sobreviventes, com vários exemplos, têm mostrado a fronteira permeável entre a fé e a superstição, entre escrituras sagradas e profanas, entre a explicação racional e irracional do curso da história.<sup>59</sup> Finalmente, a porosidade entre a escravidão negra e o servilismo dos judeus explorados desde a antiguidade, então sob o Império Otomano, czarista, bizantino até que o Terceiro Reich é inegável. Deste modo, a abordagem antropológica da obra *schwarz-bartiana* seria perfeitamente legítima. Necessário ainda remarcar que a *criolidade*, definida como a adaptação de europeus, africanos, asiáticos ao Novo Mundo, deve ser completamente redefinida ou, pelo menos, em parte, ao se reler a obra literária do casal Schwarz-Bart.

Surge, assim, a noção de rizoma, popularizada nas Antilhas e trazida a lume por Édouard Glissant em *Discours antillais*,<sup>60</sup> derivado da metáfora botânica de uma raiz múltipla, que se espalharia sutilmente e que desenvolve de maneira imprevisível. A metáfora do rizoma estabelece uma configuração identitária

---

<sup>55</sup> BERNABE, 1989, p. 28.

<sup>56</sup> MARIENSTRAS, 1975

<sup>57</sup> GYSSELS, 2019.

<sup>58</sup> BRAMI, [s/d].

<sup>59</sup> HUYSEN, 2011, p. 48.

<sup>60</sup> GLISSANT, 1981.



idêntica à do *Lufmensch*, de *O último dos Justos*.<sup>61</sup> Tal a Europa a partir dos galoromanos, também estariam as Américas a partir das colonizações são terras de mestiçagens (métisses), como destaca Natalie Zemon-Davis.<sup>62</sup> A *crioulização* é imposta como um princípio catalisador de uma escrita entrecruzada (*entrecroisée*) onde as duas diásporas são “entre-costuradas” sutilmente: tanto a negritude quanto a *branquitude* são discursos, ou ficções, perigosamente hegemônicas, permitindo o deslizamento alimentado por fixações de identidade.

Em *La libération du juif*, Albert Memmi conclui que “o judeu” é um fantasma histórico e que ele compartilha a mesma experiência de segregação espacial e cultural.<sup>63</sup> Juntamente a Amselle e Stuar Hall, Memmi aponta apropriadamente para uma “lógica mestiça” para também condenar ultraortodoxos e nacionalistas israelenses. Essa *crioulidade*, da lógica mestiça de Memmi e depreendida nos textos de André e Simone Schwarz-Bart, consiste em uma resistência ontológica à supremacia branca, à divisão ocidental entre culturas puras e impuras, num desenvolver rizomático no qual não é possível definir como serão os seus novos rumos. Nos romances, em especial os destacados aqui, essa ideia de que uma negritude e também de uma judaicidade como culturas “puras” são desmanteladas: desde o início da humanidade, tem havido misturas, trocas e cruzamentos, culturas que interpenetrando-se geram novas culturas igualmente ricas e belas, *métissages*.

## Referências

AMSELLE, Jean-Loup. *Logiques métisses*. Anthropologie de l'identité en Afrique et ailleurs. Paris: Payot, 1990.

BALANDIER, Georges. *L'Afrique ambiguë*. Paris: Plon, 1957.

BARTHES, Roland. *Fragments d'un discours amoureux*. Paris: Seuil, 1977.

BASTIDE, Roger; LEVI-STRAUSS, Claude; TARDITS, Claude; RIVIERE, Georges Henri; JAMIN, Jean. Hommage à Alfred Métraux. *L'Homme*, p. 5-19, 1964.

BAUMAN, Zygmunt. *Liquid Identity*. Cambridge: Polity Press, 2000.

BAUMGARTEN, Jean. *La naissance du hassidisme, Mystique, rituel et société* (xviiiie-xixe siècles). Paris: Albin Michel, 2006.

---

<sup>61</sup> GYSSELS, 2014, p. 405-411.

<sup>62</sup> ZEMON-DAVIS, 1995.

<sup>63</sup> MEMMI, 1966; 2011, p. 36



BAUMGARTEN, Jean. Prières, rituels et pratiques dans la société juif ashkénaze. La tradition des livres de coutumes. *Revue de l'histoire des religions*, 218.3 , p. 369-403, juillet-septembre 2001.

BERNABE, Jean *et al.* *Eloge de la créolité*. Paris: Gallimard, 1989.

CESAIRE, Aimé. *Discours sur le colonialisme*. Paris: Présence Africaine, 1955.

CONSTANT, Isabelle. *Le rêve dans le roman africain et antillais*. Paris: Karthala, 2008. Annexe Entretien Simone Schwarz-Bart, p. 157-171.

COUTI, Jacqueline; Gyssels, Kathleen. Mine de rien: l'afrofémisme. *Essays in French Literature and Culture*, n. 59, 2019.

DERRIDA, Jacques. *Points de Suspension, Entretiens*. Paris: Galilée, 1992.

FANON, Frantz. *Peau noire, masques blancs*. Paris: Seuil, 1952.

GLISSANT, Edouard. *L'imaginaire des langues*. Entretiens avec Lise Gauvin. Paris: Gallimard, 2010.

GLISSANT, Edouard. *Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1981.

GYSSELS, Kathleen. La Juive noire, entre mémoire et mal-mémoire: Negerjood in moederland d'Ellen Ombre. In: *La production de l'étrangeté dans les littératures postcoloniales*, Béatrice Bijon et Yves Clavaron (Ed). Paris: Honoré champion, 2009. p. 99-111.

GYSSELS, Kathleen *et al.* Abrasza Zemsc: Portrait of an Existential Jew by Richard Marienstrass. *Journal of Jewish Identities*, n. 1, 2019.

GYSSELS, Kathleen. Chevauchés de dieux: religions alternatives dans les romans d'André et de Simone Schwarz-Bart, Alter/Native Religions in the Novels of A. and Simone Schwarz-Bart. *Journal of Haitian Studies*, n. 18.2, 2012.

GYSSELS, Kathleen. De la pol(l)inisation à la créolisation et vice versa". In : Coste, Claude; Lançon, Daniel (Org.). *Perspectives européennes des études littéraires francophones*. Paris: Honoré Champion, 2014. Collection « Francophonies, 3.

GYSSELS, Kathleen. *Filles de Solitude: Essai sur l'identité antillaise dans les (auto-)biographies fictives de Simone et André Schwarz-Bart*. Paris: L'Harmattan, 1996.

GYSSELS, Kathleen. *Marrane et marronne: la coécriture réversible d'André et Simone Schwarz-Bart*. Leyde: Brill, 2014.

HUYSEN, Andréas. *La hantise de l'oubli*. Paris: Kimé, 2011.

LAHIRE, Bernard. Les ambitions théoriques de la sociologie. *Sociologie*, n. 9.1, p. 61-71, 2018.



LANZMANN, Claude. *Lettre* du 17.08.1976.

LEIRIS, Michel. *Contacts de Civilisation en Martinique et en Guadeloupe*. Paris: Gallimard, 1955.

LEVI-STRAUSS, Claude. Hommage à A. Métraux. *L'Homme*, n. 4. 2, p. 5-19, 1964.

MACAGNO, Lorenzo. Les «trois races» sont-elles solubles dans la nation?. *Lusotopie*, XVI(2), 2009. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lusotopie/163>>. Acesso em : 11 out. 2019.

MEMMI, Albert. *L'homme dominé, Le noir, le Colonisé, le Juif, le prolétaire, la femme, le domestique*. Paris : Gallimard, 1968.

MEMMI, Albert. *La libération du juif*. Paris: Gallimard, 1966. Réédition 2011.

MEMMI, Albert. *Le scorpion. Ou La confession imaginaire*. Paris: Gallimard, 1969.

MEMMI, Albert. *Portrait du colonisé, précédé du Portrait du colonisateur*. Paris: Payot, 1966.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

METRAUX, Alfred. *Ecrits d'Amazonie. Cosmologie, rituels, guerre et chamanisme*, Revue *Hermès* 65 (2013). Disponível em: <<https://www.franceculture.fr/emissions/lessai-et-la-revue-du-jour-14-15/alfred-metraux-revue-hermes>>. Acesso em : 11 out. 2019.

METRAUX, Alfred. *Le vaudou haïtien*. Paris : Gallimard, 1977.

METRAUX, Alfred. Suicide among the Matakó Indians. *American Indigena*, v. 3, Mexico, D. F: Instituto Indigenista Americano, 1943. p. 199-209.

NATHAN, Tobie. *Ethno-roman*, Paris: Grasset, 2012.

PLUCHON, Pierre. *Nègres et Juifs au 18 ième siècle*. Le racisme aux Lumières. Paris : Tallandier, 1984.

PLUCHON, Pierre. *Vaudou*. Sorciers et empoisonneurs. De Saint-Domingue à Haïti. Paris : Karthala, 1987.

ROBIN, Régine. *Le mal de Paris*. Paris: Stock, 2014.

SCHARFMAN, Ronnie. Reciprocal Hauntings: Imagining Slavery and the Shoah in Caryl Phillips and André and Simone Schwarz-Bart. *Yale French Studies*, n. 118/119, p. 91-110, 2010.





SCHWARZ-BART, André; SCHWARZ-BART, Simone. *Adieu Bogota*. Paris: Seuil, 2017.

SCHWARZ-BART, André; SCHWARZ-BART, Simone. *L'ancêtre en Solitude*. Paris: Seuil, 2015.

SCHWARZ-BART, André. *L'Etoile du matin*. Paris: Seuil, 2009.

SCHWARZ-BART, André. *La Mulâtresse Solitude*. Paris: Seuil, 1972.

SCHWARZ-BART, André. *Le Dernier des Justes*. Paris: Seuil, 1959.

SCHWARZ-BART, André. *O último dos Justos*. Trad. Maria Lúcia Autran Dourado. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

SCHWARZ-BART, Simone. *Pluie et vent sur Télumumée Miracle*. Paris: Seuil, 1972.

SCHWARZ-BART, Simone. *Ti Jean L'horizon*. Paris: Seuil, 1979.

TARICA, Estelle. Jewish Mysticism and the Ethics of Decolonization in André Schwarz-Bart. *Yale French Studies*, n. 118/119, p. 75-90, 2010.

TOUMSON, Roger et Héliane. Entretien à bâtons rompus. *Textes, Etudes, et Documents*, n. 2, p. 29, 1979.

TODOROV, Tzvetan. *La peur des barbares*. Paris: Laffont, 2008.

WATTHEE-DELMOTTE, Myriam. Entretien avec Marylène Phipps. *Rite et littérature*, n. 3 (automne 2005): en ligne. Consulté le premier mars 2019.

-----

Recebido em: 20/09/2019.

Aprovado em: 20/10/2019.